

# VENENO ADMINISTRADO

## Ou a ironia a serviço da objetividade jornalística

Cláudia Lemos\*

### Resumo

A ironia é uma das provas de que "todo texto pode tudo significar", como diz Rimbaud. Para o texto jornalístico, que tem como norma a objetividade, lidar com a ironia é tentar manipular um veneno dentro de limites em que ele tenha utilidade terapêutica e não exploda as regras do gênero.

### Ironia

Ao perceber uma ironia, normalmente sorrio. É divertido decifrar o jogo de palavras que brinca com o sentido esperado de um dito e nos faz entender seu oposto. "Quando digo uma coisa numa roda de dez pessoas e apenas uma sorri, fiz uma ironia". Ouvi de um português essa definição que me parece bastante explicativa, porque toca nos dois elementos que dão charme à ironia - a ambigüidade e o efeito de cumplicidade que ela cria.

Como o sujeito espirituoso na conversa, o escritor e o jornalista buscam provocar o leitor e capturar-lhe o riso escrevendo alguma coisa diferente do que querem dizer. O autor espera que seu leitor compreenda a incongruência e decifre, nas entrelinhas, a mensagem real. Mas, em benefício da clareza que o texto de imprensa deve ter, o jornalista usa toda a sua habilidade para deixar pistas da brincadeira, denunciando a

---

\* Mestranda em Estudos Literários: Teoria da Literatura na FALE/UFMG.

contradição com o máximo de sutileza que for compatível com um entendimento garantido e rápido. A graça da ironia fica na ambigüidade - e também em resolvê-la.

O efeito do truque é o estabelecimento de uma cumplicidade imediata entre o autor e o leitor, que se vê participando do jogo. O prazer é o mesmo de descobrir como montar um quebra-cabeças ou encontrar um ladrão.

No jornalismo, a ironia é engraçada como um jogo educativo, mas o jogo de palavras no jornal não é uma simples brincadeira. Ao contrário da literatura, o jornalismo é um negócio sério e objetivo. Sua função não é divertir, mas sim informar. Ainda que, em benefício desse fim, ele use jogos como meios para atrair o leitor.

Não se espera que, ao ver a notícia de um acontecimento qualquer, alguém diga "que notícia bem escrita!" ou "que *layout* espetacular!"; o redator ficará gratificado e o projetista satisfeito se o leitor se motivar pelo acontecido, entender o que aconteceu e tiver condições de formar juízo adequado a respeito(...). Enquanto, na literatura, a forma é compreendida como portadora, em si, de informação estética, em jornalismo a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado. O jornalismo se propõe a processar informação em escala industrial para consumo imediato. As variáveis formais devem ser reduzidas, portanto, mais radicalmente do que na literatura<sup>1</sup>.

O jogo irônico com as palavras funciona como um truque para transmitir uma mensagem ou para defender uma tese, do mesmo jeito que os brinquedos pedagógicos são um pretexto para ensinar alguma coisa - e continuam sendo brinquedos.

Nos jornais e revistas, esse é um dos artifícios preferidos por nove entre dez críticos e colunistas sociais ou políticos - do Elio Gaspari de *Veja* ao Jânio de Freitas da *Folha de São Paulo*, de Jô Soares (*Veja*) e Millôr Fernandes (*Isto é* e *Jornal do Brasil*) a Ricardo Semler e José Simão (*Folha*), passando pelo "Painel" da *Folha*, "Radar" da *Veja*, "Informe JB" e pelas colunas sociais.

A função informativa do texto é o limite do jogo com a ambigüidade no jornalismo. Na literatura, a dúvida sobre a traição de Capitu a Bentinho, no *Dom Casmurro* de Machado de Assis, já atormentou gerações de leitores e alimenta, até hoje, polêmicas nos

cademos de cultura dos jornais. Não vai, naturalmente, ser resolvida. Está nessa ambigüidade inesgotável um dos prazeres que o livro, como outras obras de Machado de Assis, oferece ao leitor. Fico satisfeita por ser ludibriada pela trama e pelo sentido indecifrável das palavras escolhidas, que podem significar simplesmente o que dizem ou talvez o contrário. Saboreio a suspeita.

Jornalismo não é o mesmo que literatura. Quem pode imaginar um leitor de jornal voltando a pensar centenas de vezes sobre o que estaria querendo dizer o repórter ou o analista ao escrever sobre o último aumento do preço da gasolina ou o último caso de corrupção? Ainda que isso aconteça, é à revelia da ambição do jornalista de elucidar o caso e oferecer a solução ao leitor. Se uma pequena ironia tempera a informação, estabelecendo um jogo cúmplice entre o autor e o leitor, apimentá-la radicalmente com uma ambigüidade insolúvel estraga a especialidade da casa.

Tratamos, então, de duas espécies de ironia. Falamos de uma ironia própria da literatura, generosa com a linguagem e seus múltiplos sentidos - "a presença que vem solapar os significados apontados, para mostrar que é impossível afirmar algo definitivamente, já que o homem, o mundo e a própria linguagem não existem de forma absoluta"<sup>2</sup>. Reconhecemos também uma espécie de ironia que pode ser chamada de retórica e que, ao contrário, "procura garantir o estabelecimento de uma 'verdade' útil ao narrador"<sup>3</sup>. Essa última ironia é a predileta do jornalismo. Ela flerta com os sentidos que cabem numa mesma enunciação para realçar o sentido escolhido, para afirmá-lo de forma mais convincente, indicando-o através de uma oposição.

Almansi<sup>4</sup> chama de antífrase a ironia retórica. Localizável em oposições explícitas, ela confirmaria o que o leitor já adivinhou, sem deixar espaço para a ambigüidade. A antífrase oferece ao leitor meios seguros para medir o alcance da honestidade e da desonestidade do autor - pistas como uma piscadela, uma mudança no tom de voz ou o uso de aspas para destacar a palavra com duplo sentido.

Do outro lado está, para Almansi, o *tongue-in-cheek*, a ironia que apenas reforça um estado de dúvida, sem dar indicações explícitas de qual é a interpretação correta para o jogo de palavras. *Tongue-in-cheek* é uma expressão inglesa para descrever o mecanismo da ironia. Quer dizer, literalmente, "língua na bochecha". É como se, ao invés de piscar o olho ou cutucar o ovidente para avisar que está ironizando, o autor fizesse um sinal invisível com a língua. Para Almansi, todos os instrumentos de análise estilística falham na tentativa de detectar a presença desse tipo de

ironia, que só existe se não podemos provar sua existência, se a ambigüidade prevalece. Almansi alinha exemplos da literatura - o *Hamlet*, o *Júlio César* e sonetos de Shakespeare, *O Príncipe* de Maquiavel. Ali, o importante não é que o leitor compreenda até onde o texto é sério e defina seu sentido, mas que ele entre no jogo de duplicidade da comunicação.

## Jornalismo

Quem quer literatura busca-a nos livros. A função do jornal é informar. Mas informar não é apenas noticiar: é, a um tempo, selecionar e orientar. No esforço de selecionar se acha subentendida a obrigação de criticar.<sup>5</sup>

A ambição do jornalismo não deixa de ser um problema que sua relação com a ironia exemplifica. Os estudos sobre o jornalismo valorizam a objetividade e a comunicabilidade. O texto deve conter grande número de informações a respeito do fato a que se refere - seu objeto -, expostas de maneira clara e concisa; deve substituir adjetivos por dados e evitar mencionar impressões pessoais sem um significado preciso para o leitor.<sup>6</sup>

O ideal da objetividade jornalística é atribuir a cada significante um significado preciso, sem mal-entendidos que atrapalhem a compreensão do leitor. Nesse caso, a ambigüidade irônica torna-se de fato uma ameaça abominável, como quer Almansi, pois é capaz de perturbar a credibilidade do texto jornalístico.<sup>7</sup>

Para o jornalismo, é questão de vida ou morte neutralizar essa ameaça. O manual de Nilson Lage refere-se às fotografias, ilustrações, charges e cartuns usados em jornais como material de grande valor referencial, capaz de fixar e comentar os fatos. "Sua sintaxe, no entanto, é relativamente pobre, e isto os torna passíveis de conceituação variável, ambígua como a própria observação da realidade", ressalva Lage.<sup>8</sup> Para solucionar o problema, explica o manual, é que são feitas legendas, títulos e balões. Reduzir a "ambigüidade conceitual" é também a função da redundância nos textos, motivada "pela impossibilidade de esclarecer dúvidas eventualmente suscitadas no leitor".<sup>9</sup> Importa preservar a clareza do relato dos fatos.

Quando o jornal organiza em seus cadernos e páginas relatos do que está acontecendo no mundo, ele é um instrumento que fornece informações para que o leitor construa um quadro, mapeando o efêmero e desconstruindo com a ajuda diária ou semanal das seções de cidades, cultura, política, economia, saúde, etc.<sup>10</sup> A notícia e a edição do jornal procuram dar ao leitor uma sensação de ordem, de coerência, e convencê-lo de que sua versão dos fatos - seu relato - é a verdadeira.

Apesar de sua disparidade dos fatos e da incompletude dos relatos, história e jornalismo procuram produzir, a partir deles, explicações que, apesar de precárias, sejam capazes de fazer sentido para quem as lê.<sup>11</sup> Ainda que a realidade disparatada faça a página de jornal parecer, muitas vezes, um mosaico *nonsense*, a tentativa do jornalismo é a de dar uma certa ordem a esse caos. Se a meta proclamada da objetividade é o relato isento da realidade, talvez fosse possível dizer que seu programa de fato é construir relatos que façam um sentido.

Silviano Santiago compara o narrador pós-moderno ao jornalista, porque ambos relatam ações que não viveram, mas observaram. A verossimilhança desse tipo de relato seria produto de sua lógica interna. Para Santiago, o narrador pós-moderno é, por isso, o puro ficcionista: "O narrador pós-moderno sabe que o 'real' e o 'autêntico' são construções de linguagem", conclui.<sup>12</sup> Assentados todos os dias diante de seus terminais ou máquinas de escrever, tentando amarrar *leads* ou histórias redondas e ordenadas, muitas vezes mesmo retocando personagens e circunstâncias para torná-los mais atraentes e convincentes para os leitores, os jornalistas se arpejam com a comparação.

Quando tratamos de jornalismo, estamos diante de alguma coisa que não é e não pretende ser arte.<sup>13</sup> Ainda que a matéria-prima seja a mesma da literatura, a perspectiva com que a linguagem é beneficiada resulta em produto diferente. A verossimilhança dos relatos jornalísticos, embora construída pela linguagem, se justifica é na presumida autenticidade dos fatos relatados. Sem essa confiança, que inclusive dá razão de ser à tentativa de eliminar ambigüidades e garantir sempre um sentido para o texto, o jornalismo não sobrevive.

### **Jornalismo e ironia**

O recurso à ironia só é admissível em textos assinados, a não ser em seções que trabalham com "gossips".

Mesmo nos textos assinados, convém cautela na utilização desse recurso: a ironia em excesso tende a irritar o leitor e a ironia deslegante, canhestra ou forçada ridiculariza o autor. É recomendável que o jornalismo seja cético, mas o ceticismo não exige necessariamente a ironia.<sup>14</sup>

O historiador americano Robert Darnton, no ensaio em que narra sua experiência como repórter do *The New York Times*, conta que circula um mito entre os jornalistas sobre quem é o leitor para quem eles escrevem. De acordo com o mito, ele é uma menina de 12 anos, para quem se deve escrever com simplicidade e clareza. Acrescente-se a isso que, no rádio e na TV, não há como voltar atrás para ouvir de novo algo que não tenha ficado claro. A consequência é que o texto deve ser construído sempre na ordem direta, evitando sofisticções. Sem pressupor que o leitor já conheça o assunto, o jornal deve lhe fornecer as informações básicas de forma precisa.

Vê-se logo que neste jornalismo não há lugar para a ironia como solapadora de sentido. A ironia explora e alimenta a instabilidade da linguagem que o texto jornalístico pretende deter, para cativar o leitor com certezas. Por outro lado, se o texto jornalístico se torna muito direto, especialmente em reportagens e análises, pode desinteressar ao leitor. Por isso a ironia retórica, localizada, pode ser um bom instrumento para atrair a cumplicidade do leitor e justificar a tese da matéria. Nilson Lage ensina que "o caráter surpreendente da proposição levará o leitor a prosseguir e, afinal, *desmontar* o enigma, recompor o equilíbrio, consumindo a interpretação de realidade que lhe é oferecida".<sup>15</sup>

Mesmo assim, como ressalta o *Manual da Folha*, o artifício deve ser usado dentro de certos limites, porque a ironia não pode perturbar os relatos. É como se ela fosse um desses venenos que, se usados em pequenas doses controladas, curam. Ultrapassada a dose, o veneno mata, destrói a representação "objetiva" da realidade.

O jornalismo maneja uma espécie de simulação de polifonia. Para Bakhtin, não há lugar para unidade de consciência e, por isso, uma pluralidade de vozes diferentes poderia dialogar no mesmo texto, constituindo a polifonia, sem qualquer redução das vozes a uma solução final de sentido único. No jornal, o mecanismo é aquele que a ironia retórica opera - simulação de abertura para a coexistência de sentidos variados. Essa simulação reforça a demarcação de um único sentido.

pluralidade de vozes diferentes poderia dialogar no mesmo texto, constituindo a polifonia, sem qualquer redução das vozes a uma solução final de sentido único. No jornal, o mecanismo é aquele que a ironia retórica opera - simulação de abertura para a coexistência de sentidos variados. Essa simulação reforça a demarcação de um único sentido.

A técnica jornalística possui um vasto potencial para produzir a simulação irônica de polifonia. Por exemplo, na manipulação das vozes que o repórter e o redator incorporam à matéria. A posição do narrador que insere declarações de entrevistados no texto, entre aspas, é de quase onipotência. Ele é quem determina o valor da declaração ao cercá-la por um ou outro verbo - afirmar é diferente de garantir ou alegar.<sup>16</sup> A ironia faria oscilar julgamentos para levar à reflexão e à mudança de ponto de vista.

A turma do morde e assopra bem que poderia fazer propaganda de cigarro porque alguma coisa seus integrantes têm em comum. São unânimes ao falar da honestidade e integridade de Itamar Franco, qualidade que ele demonstrou em todos os cargos que ocupou desde que foi eleito prefeito de Juiz de Fora em 1966. "Itamar é um político sério que sempre honrou sua carreira representando Minas no Senado", afirma a senadora Júnia Marise. "Itamar será um avanço para o Brasil pois é sério, honesto e administrativamente competente", completa o deputado Tarcísio Delgado, PMDB. "Ele é intocável", garante Hélio Costa. "Itamar foi educado para governar o país", diz Geraldo Santana.

A oposição entre a fala do entrevistado e a do narrador é um efeito de fácil construção, seja através dos verbos declarativos ou de outras informações sobre a personagem - outro nome para o entrevistado no jargão do jornalismo. Não é que o jornal fale sozinho. Pelo contrário, cada matéria procura apenas dar voz aos personagens do acontecimento, ouvindo todos os lados com pluralismo e equanimidade.<sup>17</sup> Mas como o mais importante é oferecer ao leitor uma versão pronta para consumo, a pluralidade se reduz a um arremedo de polifonia, uma simulação.

Com sua pretensão de distanciamento e objetividade, o texto jornalístico se presta como poucos à ironia em pequenas doses. Vejamos mais esta citação do *Manual da Folha*, no verbete "emoção":

O texto jornalístico deve registrar a emoção nos eventos que noticia e transmiti-la ao leitor. Mas o jornalista não deve se deixar envolver pela emoção no desempenho do seu trabalho. O jornalista também deve impedir, ao registrar a emoção do fato, que seu texto se torne choroso, triunfalista, eufórico ou piegas. A emoção deve ser registrada sem que o texto se torne ele mesmo emotivo.<sup>18</sup>

A recomendação lembra um pouco o princípio irônico de desconfiar do próprio pensamento.<sup>19</sup> Com uma diferença importante: aqui o autor não desconfia de si, mas de suas personagens, as fontes ou entrevistados, participantes dos fatos. Por isso ele, onisciente, ouve sempre - pelo menos deve ouvir, no bom jornalismo - os dois lados de cada questão ou ainda outros pontos de vista que encontrar e os apresenta, organizando as versões de tal forma que façam sentido.

Mesmo que de maneira controlada, o uso da ironia retórica explora o caráter de construção do texto jornalístico. O artifício se baseia na explicitação de que a linguagem pode ter mais que um sentido, de que é possível duvidar dela. Caminha-se numa corda bamba sobre o terreno da brincadeira, e às vezes até se escorrega para ele.<sup>20</sup> Talvez por isso o verbete sobre ironia do *Manual da Folha* recomenda que ela se restrinja aos textos assinados e colunas de *gossips*. A maior parte dos textos jornalísticos não é assinada. Certamente isso se deve ao caráter industrial da produção, que faz a mesma matéria passar por muitas mãos. Mas a ausência da assinatura e, mais importante, sua presença em algumas matérias, querem dizer uma outra coisa. O recado é a distinção entre o texto que tem um autor - interferindo no que escreve com sua inteligência ou defendendo uma opinião - e o texto isento e puramente objetivo, onde não faz diferença quem tenha sido o autor, a assinatura é dispensável e a ironia inadequada.<sup>21</sup>

Ainda que existam exceções, o espaço privilegiado da ironia no jornal são os artigos assinados por colunistas ou articulistas, as colunas de focos sociais e políticas e os cartuns.<sup>22</sup> É como se o autor do texto jornalístico confiasse pouco na capacidade de entendimento do seu leitor que, por esperar seriedade do texto, só seria capaz de perceber jogos de

linguagem relativamente simples. Por isso, o emprego de ironia, sem sinais claros, correria o risco de passar por mentira. Já nos espaços demarcados onde o jornalismo declara que não está apenas reproduzindo a realidade mas também analisando-a, a ironia seria menos perigosa, uma vez que o leitor estaria prevenido para reconhecê-la.

No "Painel" da *Folha de São Paulo*, por exemplo, que publica notas políticas na página 4, cabem jogos de palavras e até mesmo uma seção - "Tiroteio" - dedicada quase que exclusivamente a publicar ironias trocadas entre personalidades do cenário político nacional.<sup>23</sup> Na coluna de Jânio de Freitas, também na *Folha*, chega-se a explorar um pouco mais a capacidade do leitor discernir ambigüidades. A provocação chega a durar quase um parágrafo inteiro, numa versão reduzida do que Swift faz no seu "Modesto Projeto", um texto inteiro propondo a adoção do canibalismo para resolver os problemas sociais na Irlanda.<sup>24</sup> Mas, no melhor estilo do que Nilson Lage ensina ser o poder da antítese capturar a atenção do leitor, Jânio de Freitas deixa pistas para o leitor ainda no *lead* e resolve a dúvida no *sublead*.<sup>25</sup>

Ironia resolvida e reconhecível. A ambigüidade tem vida curta e serve demonstração de um ponto de vista. O repertório de artifícios é amplo, com o uso de marcas razoavelmente sutis, como a repetição explorada por Thomas Mann no conto "Gladius Dei"<sup>26</sup>. Mas se na literatura de Thomas Mann a marca de ironia é apenas um detalhe que não nos deixa com muitas certezas ao fim da história, no texto jornalístico de Jânio de Freitas a tese defendida está sempre ali, visível.<sup>27</sup> A ambigüidade não sobrevive ao ponto final da coluna.

À ausência do fator surpresa, evitado quando se restringe a ironia a espaços onde ela é permitida, somam-se outras marcas bastante claras para proteger o texto de si mesmo, resguardando a ironia e a ambigüidade de sentido em sua tarefa de instrumento retórico. Dois dos preferidos são o uso de *aspas* e os *exageros*.<sup>28</sup>

Collor errou, achando que era 'normal' tolerar uma boa corrupçãozinha tradicional (coisas nossas). Não sabia que PC ia ser tão de vanguarda.

Um terceiro artifício é manejar o contexto, garantindo segurança para a decodificação do argumento irônico graças a cumplicidade criada pelas informações compartilhadas por quem escreve sobre os fatos e quem lê sobre eles todos os dias nos jornais. Os

jornais estão sempre carregados de exemplos da maior e mais efêmera atualidade, especialmente nas charges. Pode-se explorar a incongruência de usar para um assunto vocabulário que é de outro ou, ainda, arriscar bulir na memória visual e política do leitor com novas informações.<sup>29</sup>

O presidente Collor não escolheu Pedro como irmão. Mas escolheu, através dele, a extensão descomunal de seu fim de mandato. Até 1994 ele será um governo salvo da ameaça de extinção pela Eco 92. Mergulhou na conferência e quando voltar tona, daqui a duas semanas, o país estará meio esquecido de um Collor, mais desinteressado do outro e entediado por uma CPI preservacionista - essa que o Congresso instaurou para evitar que Pedro derrubasse Fernando. Descartar Pedro é fácil. Tem todo o jeito de celebridade biodegradável esse irmão que parece uma cópia pirata do outro e irrompeu na imprensa como um videoteipe de 1989.

Em todos os casos, a dúvida provocada pela ironia é limitada, sem efeitos colaterais. A credibilidade da verdade jornalística como organizadora de versões coerentes da realidade tem qualidade garantida, em benefício do consumidor e de sua fruição tranqüila do produto jornalístico.

#### Notas:

- 1 LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Editora Ática, 1986. p.9 e 35.
- 2 DUARTE, Lélia Parreira. Ironia e (des)mistificação. *Revista de Estudos Portugueses e Africanos*. Campinas, (15):25-41, Jan./Jun. 1990. p.25.
- 3 DUARTE, Lélia. Op. cit., p.26.
- 4 ALMANSI, Guido. L'affaire mystérieuse de l'abominable *tongue-in-cheek*. *Poétique*. Paris, (36):413-426, Nov. 1978. (Trad. Luiz Morando, apostila da FALE/UFMG).
5. Olival Costa, fundador da *Folha de São Paulo*, citado na epígrafe do *Manual de Redação* do jornal.

- 6 "A situação corrente em jornalismo é a de um emissor falando a grande número de receptores. Tais receptores formam conjunto disperso e não identificado, cujo reconhecimento só é possível por amostragem estatística. Por isso, *os adjetivos testemunhais e as aferições subjetivas devem ser eliminados*. Comerciante *próspero*, *bela* mulher, *grande* salário, edifício *alto*, episódio *chocante* são exemplos de locuções nas quais o sentido de *próspero*, *bela*, *grande*, *alto* ou *chocante* depende, essencialmente, dos valores, padrões e sensibilidade de quem fala. Em texto não assinado ou cuja assinatura pouco representa para o leitor ou ouvinte, a significação destas palavras torna-se obscura. *A norma é substituir tais expressões por dados que permitam ao leitor ou ouvinte fazer sua própria avaliação*: relacionar bens do comerciante; socorrer-se de um currículo de prêmios de beleza, da opinião de um descobridor de talentos ou, simplesmente, mostrar a fotografia da mulher; dizer qual o salário, quantos andares tem o edifício; contar o episódio." LAGE, Nilson. Op. cit., p.40.
- 7 "É proverbial que o que entra pelo ouvido nos inspira certa dose de desconfiança e insegurança. Tomando isto em conta, o jornalismo de rádio deve ser muito convincente, claro e concreto o tempo todo. Palavra e pensamento não podem expressar nenhuma dúvida, nenhuma vacilação; devem ganhar a confiança dos ouvintes." BRAJNOVIC, Luka. Apud LAGE, Nilson. Op. cit., p.23.
- 8 LAGE, Nilson. Op. cit., p.7.
- 9 LAGE, Nilson. Op. cit., p.7.
- 10 Para Genro Filho, "o jornalismo se impõe, de maneira angular, como possibilidade dos indivíduos em participar do mundo *mediato* pela via de sua feição dinâmica e singular, como algo sempre incompleto, atribuindo significações e totalizando de maneira permanente". GENRO FILHO, Op. cit., p.
- 11 "Converter os fatos em matérias e publicar as matérias é uma questão do que pode caber em termos culturais - convenções narrativas e tradições jornalísticas que funcionam como uma maneira de dar uma forma ao amontoado confuso e ruidoso dos fatos do dia". DARNTON, Robert. Op. cit., p.15.
- 12 SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.40.
- 13 "(...) a produção de um jornal (...) só é possível quando o objetivo do trabalho se desloca da obra para o consumidor. Isto é, quando a intenção artística do projeto gráfico, da fotografia, da ilustração ou do

texto perdem terreno diante da necessidade de levar a informação para o público. Eventualmente, páginas, fotos, caricaturas ou reportagens atingem a durabilidade e a capacidade de gerar inquietação por si mesmas, características próprias das obras artísticas; mas isto vai à conta dos zero-vírgula-por-cento da lei das probabilidades. Porque a condição efêmera do produto e seu compromisso com a prestação de serviços prevalecem como padrão de julgamento do que interessa ou não publicar". LAGE, Nilson. Op. cit., p.9. Para Adelmo Genro Filho, o jornalismo é uma forma de conhecimento cristalizada no singular, enquanto que a ciência caminha para o universal e a arte trabalha no particular. Nesse arranjo Genro Filho relê as categorias empregadas na estética de Lukács. GENRO FILHO, Adelmo. Op. cit., p.155-163.

14 *Manual de Redação da Folha*.

15 "A antítese, contradição aparente entre notações em um mesmo contexto, tem uso mais amplo no jornalismo. São antitéticas muitas aberturas de parágrafos, ou tópicos frasais, que induzem à leitura das linhas seguintes nas matérias de suplementos e revistas de atualidades. A estratégia consiste, aí, em dar informação incompleta ou angustiante (...) que se esclarecerá em seguida (...)". LAGE, Nilson. Op. cit., p.48.

16 GODINHO, Fernando. A turma que torce o nariz para Itamar. In: *Veja*.

17 *Manual da Folha*. Op. cit., p.34: verbetes "ouvir o outro lado" e "pluralismo".

18 Op. cit., p.75.

19 BEHLER, Ernst. Op. cit., p.57.

20 Os textos do crítico de televisão da Folha, José Simão, patinam nesse terreno onde a comunicabilidade séria não é a lei e a ironia retórica dá espaço à ironia sem muita solução, ao humor. SIMÃO, José. *Televisão. Folha de São Paulo*.

21 Varia de veículo para veículo o critério para atribuição de assinatura às matérias. Em geral ela é usada nas colunas e artigos e considerada uma distinção para um trabalho informativo de destaque, como assinala o verbete sobre assinatura de textos no *Manual da Folha* (p.105). Na *Folha de São Paulo*, grande parte do material publicado é assinado. Em outros veículos, como o jornal *O Globo* ou a revista *Veja*, esse volume é menor. Já os encartes regionais da mesma revista assinavam a quase totalidade das matérias.

- 22 Recesso na Câmara e 'Princesinha' maltratada. *Jornal do Brasil*, 7/7/92. SEMLER, Ricardo. Retorno à terra dos gigantes. *Folha de São Paulo*, 12/7/92.
- 23 Mesmo assim, as brincadeiras com palavras merecem reforços de redundância explicativa como na nota "Doce Provocação", ilustrada por uma caricatura que mostra o presidente Collor recebendo uma caixinha de presente como balas para revólver: "Jacques Wagner (PT) mandou um pacote de balas a Paulo Octávio, que antontem afirmou que o presidente só deixa o Planalto "à bala". Bilhete anexo pede que o presente seja entregue a Collor." In: Painei. *Folha de São Paulo*, 2/7/92.
- 24 SWIFT, Jonathan. *Modesto Projeto*. Trad. Antonio Orsini. In: *Minas Gerais*, Suplemento Literário. Belo Horizonte, 12 de out. de 1985.
- 25 "Todos os acordos já feitos em torno da dívida externa foram muito vantajosos para o país, não impunham sacrifícios ao povo e abriam novas e esplêndidas perspectivas ao desenvolvimento brasileiro. Não surpreende que o governo Collor tenha obtido o mesmo êxito. Nem surpreenderá que, na prática, o novo acordo venha a revelar as mesmas conseqüências que os anteriores.  
Collor está no seu papel, ao explorar politicamente o acordo, sem revelar as concessões que levaram à concordância dos bancos. (...)" FREITAS, Jânio. O clima não muda. In: *Folha de São Paulo*, 10/7/92.
- 26 MANN, Thomas. *Gladius Dei*. In: *Os famintos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, p.51-67.
- 27 FREITAS, Jânio: Explicação de laboratório. *Folha de São Paulo*, 1/7/92.
- 28 JABOR, Arnaldo. Personagem usado foi de 'estadista sereno'. *Folha de São Paulo*, 1/7/92.
- 29 CORRÊA, Marcos Sá. O perigo é PC virar ONG. *Veja*, 3/6/92. Ver também MILLÔR. *Jornal do Brasil*, 10/7/92 e 18/7/92.